

não temer a ruína:  
a atualidade da revolução espanhola  
como prática libertária

acácio augusto

*A história é uma invenção para a qual  
a realidade fornece os elementos.  
Não é, porém, uma invenção arbitrária.*  
Hans Magnus Enzensberger

A revolução espanhola é um dos mais potentes acontecimentos do século XX. Para os anarquistas, o mais decisivo. A historiografia oficial, pensada sempre a partir do Estado, prefere a Revolução Russa de 1917, e reconhece no período entre 1936 e 1939 na Espanha apenas um ensaio de antecipação, na forma de uma guerra civil, do enfretamento das forças estatais que se digladiaram na II Guerra Mundial. Rapidamente, as miríades de experimentações radicais realizadas em solo ibérico são reduzidas ao embate

*Acácio Augusto é pesquisador no Nu-Sol e doutor em Ciências Sociais. Desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado com bolsa CAPES de estágio doutoral na UVV (Universidade de Vila Velha), onde é professor credenciado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Contato: estadoalterado@yahoo.com.br.*

entre a democracia liberal, o nazifascismo ascendente e o comunismo estalinista. Este último sequestrou e obstruiu a luta das forças em torno do governo popular que assumiu no verão de 1936, e que quase imediatamente teve que enfrentar a sublevação do exército espanhol contra a República liderada, em 18 de julho de 1936, por um patético general militar vindo Marrocos.

De fato, vista sob a ótica da ciência da História e dos aproximadamente 300 anos de existência do Estado como organização política moderna, a experiência em terras espanholas, vivida pelos anarquistas, foi um retumbante fracasso. Como anotou conclusivamente o escritor George Woodcock, “nas artes da guerra os anarquistas espanhóis fracassaram desgraçadamente, e sua organização e seus seguidores foram virtualmente destruídos em consequência de seu fracasso”<sup>1</sup>. Tratando-se de anarquistas e considerando que a guerra é a atividade principal e fundamental do Estado, não se poderia esperar nada diferente. Passados oitenta anos da experiência ibérica, pode-se dizer que há um volume considerável de estudos e obras históricas que recontam, analisam ou discutem a revolução espanhola. Desde compilações de documentos históricos que procuram sublinhar a força e influência dos anarquistas, como os trabalhos de Gaston Leval e Frank Mintz<sup>2</sup>, até análises pormenorizadas a respeito do funcionamento das organizações anarquistas e de trabalhadores, como o livro *Organismo econômico da revolução*<sup>3</sup> de Sinesio Baudilio García Fernández, mais conhecido pelo pseudônimo de Diego Abad de Santilián, e que esteve diretamente envolvido no conflito. No entanto, é outra coisa que se pretende neste artigo ao retomar essa experiência que hoje torna-se octogenária.

Não temer a ruína...

A despeito das análises históricas e econômicas e para além de suas pretensões em estabelecer causas anteriores em análises posteriores, o que mais impressiona e confere atualidade à revolução espanhola é seu caráter de experimentação singular capaz de abrir caminho para uma diversidade de táticas descontínuas e dispersas de enfretamento da ordem, forjando formas de viver apartadas do Estado e da organização capitalista da produção e do consumo. Sob o crivo da guerra e, portanto, do Estado, foi um fracasso; sob o crivo da vida vivida por cada anônimo a partir daquele verão de 1936, não cabe a dicotomia entre vitória e derrota, fracasso e sucesso. Como revolução, entra para o cabedal de derrotas; como *revolta*, ela segue como uma experiência, junto da Comuna de Paris de 1871, para a qual aqueles que trabalham sobretudo a partir da transformação de si sempre se voltarão. De certa forma, ela pode ser vista segundo o que anotou Michel Foucault acerca da revolta: como o que insere na história a subjetividade, não a dos grandes homens e dos grandes acontecimentos, mas daqueles que preferem o risco da morte ante a certeza da obediência.<sup>4</sup>

Nesse sentido, os relatos mais interessantes da experiência ibérica encontram-se precisamente nos livros que lidam com essa presença infame em meio aos acontecimentos revolucionários. Um deles é o relato de um jornalista inglês filiado a um partido comunista de orientação leninista que se alista nas brigadas internacionais e descobre, em meio à luta armada em território espanhol, tanto a hipocrisia das democracias liberais quanto o autoritarismo da hipótese e das práticas revolucionárias dos comunistas. O livro *Homenagem à Catalunha*<sup>5</sup>, de George Orwell, por se tratar de um relato em primeira pessoa, capta o ordiná-

rio da luta; mostra como um homem lida com o imediato das forças em confronto e a forma imediata que se dá às orientações políticas no campo das resistências.

Outro relato sobre a revolução espanhola que capta essa inscrição da subjetividade na história está no livro de Hans Magnus Enzensberger, *O curto verão da anarquia: Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola*<sup>6</sup>. Para além do relato em primeira pessoa, Enzensberger sublinha vozes anônimas e diversas perspectivas em torno da controversa figura de Buenaventura Durruti. Isso o leva para a forma do romance histórico e da história como ficção coletiva, pois trata-se de reconstruir “a existência de um homem que está morto há trinta e cinco anos [o livro é de 1972] e cujo o espólio se reduz a ‘um jogo de roupas de baixo, duas pistolas, um binóculo e um óculos de sol’. Este era todo seu inventário”. A vida de Durruti baseou-se na ação, “esta ação era política e, em grande parte, ilegal”<sup>7</sup>. No romance histórico de Enzensberger, trata-se de encontrar e compilar registros dessa existência, insólita e em vias de se apagar, que teria sido a de mais um entre os milhares de operários do século XX não fosse sua firme decisão em combater o fascismo e seu temperamento indomável mesmo diante das mais extremas adversidades.

A partir dessas duas referências, não se pretende retomar fatos históricos e discussões estratégicas. Deixemos isso para os que se interessam pela querela entre vitória e derrota, e para os que acreditam que a história se repete. Aqui, a história se volta ao que podemos captar de singular. Interessa registrar em dois breves movimentos uma análise dessa inscrição da subjetividade na história e as atitudes éticas diante da situação de confronto aberto. No primeiro movimento, o combate como aquilo que escapa à guerra

Não temer a ruína...

própria do Estado e, no segundo, a potência em se lançar à luta sem temer a ruína, afirmando a abolição daquilo que se combate como uma obra de destruição, os atos de coragem apartados do protagonismo heroico e atentos à coragem como forma de vida.

### **a indisciplina como luta**

Os embates diretos deflagrados após a instauração do governo popular em julho de 1936 manifestam muito mais da singularidade da luta anarquista, e sua incompatibilidade com socialistas e liberais, do que os acordos em torno da constituição de um governo provisório da Generalitat, na Catalunha, ou dos Comitês de Defesa contra o Fascismo. A impressão inicial de Orwell ao chegar no *front* mostra essa diferença: “os recrutas eram, em sua maioria, rapazes de dezesseis ou dezessete anos, dos becos de Barcelona, cheios de ardor revolucionário, mas ignorando completamente o significado da guerra. Era impossível conseguir, sequer, que formassem em linha. Não havia disciplina; se um homem não gostava de uma ordem, saía da forma e discutia violentamente com o oficial”<sup>8</sup>.

O efeito imediato do levante do verão de 1936 foi uma transformação nas relações em todas as esferas da vida. No entanto, o levante não é a “causa” dessa transformação. Os anarquistas, mesmo odiados e perseguidos à direita e à esquerda do governo, há décadas fomentavam a *cultura libertária* entre os trabalhadores. Como anota De Rol, ao comentar a formação de *Los Solidarios* em depoimento compilado por Enzensberger, já na década 1920, quando os sindicatos foram legalizados, “os anarquistas de Barcelona começaram a desenvolver atividades em ritmo verdadeira-

mente febril. Foram fundados centros culturais e escolas para trabalhadores. O jornal que publicavam, o *Solidaridad Obrera*, alcançou tiragem de cinquenta mil exemplares, batendo todos os jornais diários da imprensa burguesa na cidade”<sup>9</sup>. Parte do financiamento dessas atividades provinha dos assaltos realizados pelos *Los Solidarios*, grupo composto por Durruti e os irmãos Ascaso e Jover. Garcia Oliver também se juntou ao bando, e a ironia é que ele se tornaria, mais tarde, Ministro da Justiça no governo da Generalitat pelo acordo no âmbito da frente antifascista.

Essa transformação dos costumes pela desobediência e a recusa à disciplina dá o tom de quase todo o relato de Orwell. O jornalista inglês chama atenção para as alterações mais sutis e significativas, como a abolição dos tratamentos servis entre os cidadãos no exercício de suas atividades laborais e a liberdade de decisão entre as milícias antifascistas. O que muitos apontarão como “falha” dos anarquistas — a ausência de uma estratégia que os levasse à vitória — sobressai em seu relato como a produção de práticas de liberdade nos meios de luta, sem separar e hierarquizar meios e fins; sem deixar-se levar pelas estratégias e concentrando-se nas formas táticas em cada situação específica. Isto será decisivo para o abandono de Orwell do Partido Comunista, que o havia levado até a Espanha, mesmo que ao longo do relato ele mantenha uma relação ambígua com os anarquistas e não esconda sua simpatia pelos trotskistas do POUM (Partido Operário Unificado Marxista). Mesmo táticas vistas como ingênuas ou infantis ganham esse sentido no relato: “imaginem a ideia de tentar convencer o inimigo, em vez de disparar contra ele! Agora, porém, penso que era uma manobra absolutamente legítima, de qualquer ponto de vista”<sup>10</sup>.

Não temer a ruína...

Não interessa, porém, a coerência e a eficácia das ações, mas como se trava o combate, numa afirmação de um modo de existência liberado da exploração patronal, da condução de consciência pela religião e da organização da vida social pelo Estado. Se para os integrantes da FAI (Federação Anarquista Ibérica) e da CNT (Confederação Nacional do Trabalho) estava em jogo manter a chama de certos princípios inegociáveis, honrá-los era mais importante que vencer a guerra. Mais que isso, sabiam que sucumbir ao discurso da vitória a qualquer custo e às artimanhas da arte da guerra seria fatal para a construção do que chamavam de comunismo libertário, sua utopia de futuro. Como observou certa vez o próprio Durruti, “a guerra é uma sacanagem (...). Ela não destrói apenas as casas, mas também os princípios”<sup>11</sup>.

A transformação nos costumes, as atitudes éticas e as relações entre as pessoas no contexto da revolução foram muito além, avançando sobre questões que, mesmo hoje, são tratadas das formas mais engessadas, sempre em termos de direitos ou de autoridade moral. Um comentário de Orwell sobre o encontro dele com jovens mulheres camponesas mostra bem a diferença de atitude que se codifica em termos de condutas morais. Orwell observa que “as raparigas da aldeia eram criaturas esplêndidas e cheias de vida, de cabelo negro de azeviche, andar balanceado e uma atitude franca, quase de homem para homem, provavelmente resultante da revolução”<sup>12</sup>. É evidente que tal comentário pode ser submetido à atual crítica da moral do igualitarismo dos direitos, mas, se visto segundo as condições colocadas para camponeses em uma Espanha oligárquica e rural, mostra os efeitos de uma revolta libertária que as revoluções modernas, burguesas e socia-

listas, raramente produzem. Respirava-se um ar diferente na Espanha dos anarquistas que ia muito além do cheiro forte de pólvora produzido pela guerra.

Esse apego aos “princípios”, no entanto, é a força mas também a fraqueza dos anarquismos em território espanhol durante a revolução. Como anotam tanto Enzensberger quanto Woodcock e Orwell, havia algo de religioso entre os militantes da FAI e da CNT, sendo o ímpeto de realizar o comunismo libertário como o paraíso na Terra o traço mais evidente disso. No entanto, ao levar essa fé ao pé da letra, eles de fato realizam no seu *presente* aquilo que projetavam para o futuro. De tal forma que, mesmo tendo sido restaurados após a reação fascista se mostrar vitoriosa, outro efeito imediato da revolução foi a abolição dos costumes religiosos mais ordinários, como as cerimônias de casamento, os atos automáticos de se benzer ou rogar por Deus, e mesmo as inscrições nas lápides dos cemitérios. Paradoxalmente, segundo Orwell, o comunismo libertário se afirmava como fé laica entre os espanhóis. Segundo essa hipótese: “é possível que a fé cristã tenha sido substituída, até certo ponto, pelo anarquismo, cuja influência está muito difundida e que possui, indubitavelmente, um matiz religioso”<sup>13</sup>. Seja como for, a revolução espanhola é a experiência na qual esses “princípios” ultrapassaram a questão dogmática para se afirmarem como práticas consistentes e exequíveis. Não importa o desfecho da guerra e como os Estados inimigos colaboraram para que os fascistas promovessem um verdadeiro massacre; a experiência já era em si uma propaganda pela ação, a evidência de que a vida sem autoridade centralizada e sem capitalismo era possível.

O objetivo desse breve escrito não é o de retomar o inventário dos grandes feitos da revolução espanhola. Sobre

Não temer a ruína...

isso já existem obras, como as indicadas, que relatam, por exemplo, como regiões inteiras existiram por mais de um ano totalmente liberadas do uso de dinheiro. Ou mesmo como, “em 1936, a CNT tinha um único funcionário remunerado, apesar de ultrapassar um milhão de membros! Não existia nenhum aparelho burocrático”<sup>14</sup>. Como elemento dessa atitude antidisciplinar que produziu práticas singulares associadas à revolta, e que permanecem como atualidade da *cultura libertária*, os elementos estéticos são os mais decisivos, mesmo em meio a uma situação de confronto bélico, na qual o risco de morte está permanentemente colocado. E é essa imagem que vem à memória de Jaume Miravittles quando se recorda da Coluna Durruti: “era algo extraordinário: uma verdadeira confusão de uniformes, voluntários de toda parte da Terra, roupas remendadas com panos de várias cores. Aqueles milicianos já tinham alguma coisa de *hippies*, mas eram *hippies* com granadas e metralhadoras, dispostos a lutar até a morte”<sup>15</sup>. Uma confusão de uniformes dentro do que se acusa de horda combatente no meio dia do século XX é um belo golpe na uniformidade e na organização racional dos Estados Modernos, algo que se descobriria mais amplamente apenas após o horror do nazismo e do fascismo na II Guerra Mundial. A referência aos *hippies* não é fortuita.

A questão da indisciplina como forma de luta é a chave para se compreender em que medida a revolução espanhola colocou um problema insolúvel para os poderes às vésperas da II Guerra Mundial. As ações da CNT e da FAI recusavam a constituição política, ainda que alguns de seus integrantes, como Federica Montseny e Garcia Oliver, tenham servido como ministros no governo da Generalitat. Não é por acaso que Itália e Alemanha tenham financiado diretamente a rea-

ção comandada por Franco, enquanto as democracias liberais, como França e Inglaterra, não mobilizaram seus dispositivos diplomático-militares para impedir o apoio dos nazifascistas à destruição de práticas políticas e econômicas radicais que também lhes eram insuportáveis. Complementando o quanto a experiência espanhola era assustadora para a razão de Estado, foi a URSS que financiou o desmonte das milícias antifascistas após a morte de Durruti por meio do Partido Comunista Espanhol. O pragmatismo do pensamento político moderno e as doutrinas de guerra de Estado jamais poderiam compreender ou aceitar a total falta de estratégia dos milicianos, sua falta de disciplina racional e sua antiuniformidade. O alibi dessa reação era o medo da abolição e da ruína da ordem, da paz e de toda sociabilidade, argumento pelo qual se desqualificava a ação dos anarquistas como atos infantis, inconsequentes e pequeno-burgueses: pechas que até hoje são utilizadas para atacar e denegrir as práticas e análises antipolíticas dos anarquistas como irracionais. No entanto, os libertários seguem afirmando a revolta e suas táticas de luta até os dias de hoje. Na revolução espanhola, a indisciplina como forma de luta foi também uma experiência que esgarçou até rasgar as tecnologias disciplinares precisamente no campo em que elas eram mais valorizadas: na guerra como exercício racional e sistematizado da violência com objetivos de dominação e conquista.

### **a paixão destrutiva ou o destemor diante da ruína**

O anarquismo na Espanha se inicia com forte influência de Mikhail Bakunin, desde que o italiano Giuseppe Fanelli esteve lá, em 1868, para divulgar as propostas da ala antiautoritária da AIT (Associação

Não temer a ruína...

Internacional dos Trabalhadores).<sup>16</sup> A paixão destrutiva poderia ser atribuída a essa procedência, mas novamente não se trata de conferir causas a efeitos posteriores. Outro traço marcante que coloca a experiência espanhola fora de uma racionalidade estatal é seu desprezo pelos registros sistemáticos dos fatos e ações, na contramão da cultura estatal tem predileção pelos registros oficiais e pela compilação de documentos. Já no que diz respeito ao curto verão dos anarquistas, essa não foi uma preocupação, como anota Orwell já ao final de seu relato: “nunca será possível fazer um relato completamente certo e imparcial dos combates de Barcelona, porque não existem os registros. Os historiadores futuros não terão nada em que se basear, a não ser um grande volume de acuações e propaganda partidária. Eu próprio poucos dados possuo além do que vi com os meus próprios olhos e do que soube por intermédio de outras testemunhas oculares que considero dignas de crédito”<sup>17</sup>. Mas há momentos que podem ser vistos como pequenos acontecimentos capazes de sumarizar essa forma de ver o mundo. Dentre os episódios em torno da figura de Durruti e suas atitudes, tanto em relação aos inimigos, quanto em relação aos seus companheiros, mostram isso.

Em setembro de 1936, data da entrevista, Durruti despontava como grande figura da resistência armada ao fascismo, embora jamais se portasse como uma liderança ou mesmo um estrategista militar, conforme observou seu companheiro de FAI e de armas, Ricardo Sanz: “nem Durruti nem nós éramos grandes estrategistas”<sup>18</sup>. Mesmo figuras que lutavam ao lado dos anarquistas, como Gaston Leval, não viam em Durruti uma liderança política. Segundo relato de Leval compilado por Enzensberger,

“Durruti tinha se tornado um homem influente quando o reencontrei, em 1936. No entanto, eu jamais podia tê-lo imaginado como um líder político de grande calibre: para mim, faltava-lhe o indispensável horizonte intelectual. Sem dúvida era um bom agitador quando aparecia em público, mas não era um orador de peso”<sup>19</sup>. Enfim, fossem seus aliados ou seus inimigos, não se reconhecia em Durruti uma liderança fria capaz de praticar a moderação política. Para ele, estava em jogo esmagar o fascismo e avançar na construção de um novo mundo por vir.

Estas observações sobre o temperamento de Durruti e sua atitude diante da guerra condensam o impasse dos anarquistas entre fazer a revolução e combater o fascismo, entre a paixão por destruir a sociedade como ela se encontrava e um certo idealismo pela construção de um mundo novo. Como observou Miravittles, “não passou muito tempo para Durruti perceber que o Comitê Central era um órgão de poder. Ali se discutia, negociava, votava, havia atas e trabalho burocrático”<sup>20</sup>. Esta percepção levará Buenaventura Durruti a abandonar o Comitê em torno da frente antifascista e montar sua própria coluna de combatentes com a firme decisão de retirar o controle de Zaragoza das mãos dos fascistas. No que se refere a paixão pela destruição, há uma entrevista de Durruti a Pierre Van Paasen, datada de 1936, que evidencia essa decisão obstinada: “para nós é uma questão de esmagar o fascismo de uma vez por todas. Nenhum governo do mundo combate o fascismo até a morte. Quando a burguesia vê que o poder lhe escapa das mãos, recorre ao fascismo. Há muito, o governo liberal da Espanha poderia ter retirado poder dos seus elementos fascistas. Mas em vez disso, contemporizou, transigiu e perdeu tempo”<sup>21</sup>. Claro está que sua decisão é por uma luta específica

Não temer a ruína...

e sem concessões contra os fascismos, fora de possíveis negociações políticas e arranjo de interesses. . Para além do combate direito ao fascismo, ele aponta, nessa entrevista, os limites da ação governamental diante do fascismo sempre latente na razão de Estado.

Essa decisão, esse ímpeto pela luta direta e a recusa às negociações renderam acusações contra os anarquistas e, especialmente, contra Buenaventura Durruti. Os comunistas chegaram a circular cartazes nos quais comparavam os anarquistas aos fascistas — uma forma de difamação até hoje utilizada. No entanto, a questão que unia comunistas e liberais contra os anarquistas girava em torno da política e da estratégia militar. Dito de uma maneira mais direta, em torno da abolição das instâncias de poder no combate ao fascismo e a sua manutenção na construção de uma nova sociedade. Como ficará claro no juízo proferido de longe, a quilômetros do *front* de batalha, por Léon Trotsky: “esta argumentação [de recusa em instituir uma instância de poder] demonstra suficientemente bem que a anarquia é uma doutrina contrarrevolucionária. Quem recusa a tomada de poder alinha-se nas fileiras dos que sempre estiveram no poder, ou seja, nas fileiras dos exploradores”<sup>22</sup>. Se vemos entre os anarquistas uma paixão pela destruição da sociedade como ela se encontra, o comentário de Trotsky deixa claro que mesmo nas alas que se opunham ao stalinismo, a paixão pelo poder é uma constante invariável.

Na entrevista já citada, Durruti responde, de certa maneira, a essa acusação, ao afirmar: “sabemos o que queremos. Para nós, não importa que haja uma União Soviética, por cuja paz e tranquilidade Stalin sacrificou os operários das Alemanha e da China. Queremos a Revolução aqui na

Espanha agora, imediatamente, e não talvez na próxima guerra na Europa”<sup>23</sup>. Mesmo apartado da estratégia e da moderação política, Durruti sabia claramente o que estava em jogo e se mostrava decidido em combater mesmo diante do risco de vida. As respostas enérgicas de Durruti surpreenderam seu interlocutor que o interrompeu para questionar se ele não temia herdar apenas ruínas, ao que Durruti respondeu: “não temos medo de ruínas. Nós herdamos a terra. Quanto a isso, não há a menor dúvida”<sup>24</sup>. Durruti argumentava que, como operários, eles seriam capazes de construir outra cidade, já que a existente também foi feita por eles, e que seria, desta vez, livre do jugo do Estado e do capital.

A reposta de Durruti expressa a atitude dos anarquistas diante do impasse colocado pela luta antifascista. É fácil reconhecer e criticar um certo romantismo heroico nisso e, assim, confirmar as análises de historiadores, como apontado acima, de uma certa fé anarquista. No entanto, a questão é sublinhar qual atitude ela engendrou na ação dos anarquistas. No momento em que, na abertura do século XXI, revoltas de rua e encontros com grupos neonazistas estouraram em todo o planeta, atualizar essa atitude é o que mantém viva a memória como atualidade da revolução espanhola. Sem temer a ruína e sem deixar-se levar pelo argumento conservador (no sentido literal da palavra) que sempre teme a abolição de práticas autoritárias e a ousadia das liberações. O argumento da conservação defende que é preciso manter bases para a negociação e para possíveis acordos. Hoje, quando podemos nos apartar da utopia consoladora e de certo heroísmo dos anarquismos de outrora, a atitude libertária segue sem temer a ruína e afirmando a abolição da autoridade em nós. A anarquia segue como uma obra de destruição em construir.

## Notas

<sup>1</sup> George Woodcock. *História das ideias e movimentos anarquistas*. Tradução de Alice K. Miyashiro, Heitor Ferreira da Costa, José Antônio Arantes e Júlia Tettamanzy. Porto Alegre, L&PM Editores, v. 2, 2002, p. 164.

<sup>2</sup> Gaston Leval; René Berthier; Frank Mintz. *Autogestão e Anarquismo*. São Paulo, Imaginário, 2002.

<sup>3</sup> Diego Abad de Santilián. *Organismo econômico da revolução*. Tradução de Arnaldo Spindel. São Paulo, Brasiliense, 1980.

<sup>4</sup> Michel Foucault. “É inútil revoltar-se” in Manoel Barros da Motta (org.). *Ditos e escritos V. Ética, sexualidade, política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2006, pp. 77–81.

<sup>5</sup> George Orwell. *Homenagem à Catalunha*. Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues. Lisboa, Antígona, 2007.

<sup>6</sup> Hans Magnus Enzensberger. *O curto verão da anarquia. Buenaventura Durruti e a Guerra Civil Espanhola*. Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

<sup>7</sup> Idem, p. 16.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>9</sup> Ibidem, pp. 48–49.

<sup>10</sup> George Orwell, 2007, op. cit., p. 54.

<sup>11</sup> Idem, p. 165.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 68.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 70.

<sup>14</sup> Hans Magnus Enzensberger, 1987, op. cit., p. 36

<sup>15</sup> Idem, p. 150.

<sup>16</sup> Ibidem, pp. 30–32.

<sup>17</sup> George Orwell, 2007, op. cit., p. 245

<sup>18</sup> Hans Magnus Enzensberger, 1987, op. cit., p. 158.

<sup>19</sup> Idem, p. 157.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 150.

<sup>21</sup> George Woodcock, 2002, op. cit., p. 223.

<sup>22</sup> Hans Magnus Enzensberger, 1987, op. cit., p. 149.

<sup>23</sup> Buenaventura Durutti. “Os Anarquistas na Guerra Civil Espanhola — Buenaventura Durutti entrevista Pierre van Paasen” in George Woodcock. *Os grandes escritos anarquistas*. Tradução de Júlia Tettamanzi e Betina Becker. Porto Alegre, LP&M Editores, 1981, p. 223.

<sup>24</sup> Idem, p. 224.

### *Resumo*

*Artigo que recorda os 80 anos do início da revolução espanhola por meio de breves anotações de experiências vividas durante o combate. A partir de duas obras históricas, de George Orwell e Hans Magnus Enzensberger, que destacam a presença de homens e mulheres infames na luta, o texto afirma a atualidade da anarquia como obra de destruição e força de abolição da autoridade em nós mesmos.*

*Palavras-chave: revolta, Revolução Espanhola, anarquia.*

### *Abstract*

*This article recalls the 80th anniversary of the Spanish Revolution through brief notes from experiences got in combat. Taking two of the most impressive reflections on the Spanish Revolution, by George Orwell and Hans Magnus Enzensberg, which highlight the presence of brave women and men in the fight, the text stresses the current force and importance of anarchy as a work of destruction and force for the abolition of the authority in ourselves.*

*Keywords: revolt, Spanish Revolution, anarchy.*

***Do not fear the ruin: the actuality of the Spanish Revolution as Libertarian practice, Acácio Augusto.***

*Recebido em 05 de abril de 2016. Confirmado para publicação em 16 de abril de 2016.*